



A CONTRUÇÃO DA PAISAGEM MARGINAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL DESDE A PERSPECTIVA DE SUJEITOS DO ROCHDALE, OSASCO, E PIMENTAS, GUARULHOS, REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Gustavo Luis da Silva ¹

RESUMO

Com o presente trabalho, buscamos discutir a construção do que estamos chamando de paisagem marginal e a fragmentação socioespacial na Região Metropolitana de São Paulo, a partir dos bairros do Rochdale, em Osasco, e do Pimentas, em Guarulhos. Tal discussão é fundamentada desde a perspectiva dos sujeitos residentes. Para tanto, este trabalho se orienta a refletir sobre os processos de fragmentação socioespacial na RMSP e a formação da Paisagem Marginal a partir da identificação de fatores que levaram a produção das periferias populares na RMSP e de conteúdos e representações próprias a elas. Objetiva-se assim, compreender quem são os agentes que compõem as periferias populares, qual a relação destes com processos metropolitanos e como constroem uma representação identitária que dá conteúdos e significados à paisagem que os circunda. Por fim, intenta-se contrapor as diferentes interpretações da realidade erigidas pelo Pesquisador e pelo SujeitoMorador com a realidade como fato. Para tanto, propõe-se o levantamento bibliográfico, a realização de entrevistas semiestruturadas, produção cartográfica, trabalhos de campo e a produção de um acervo fotográfico da paisagem que contribuirá à síntese e à avaliação do trabalho e, ao mesmo tempo, funcionará como um registro da paisagem marginal disponibilizada aos moradores das duas áreas. Como consequência, este trabalho propõe contribuir com os significados e conteúdos das periferias populares e da paisagem marginal; registro dos processos produtores das periferias populares; identificação dos sujeitos e suas representações sobre a paisagem e da realidade vivida; contrapor perspectivas e contribuir com visualização gráfica dos processos de fragmentação na RMSP.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano, fragmentação socioespacial, periferias urbanas, paisagem urbana.

RESUMEN

Con este trabajo, buscamos discutir la construcción de lo que llamamos paisaje marginal y la fragmentación socioespacial en la Región Metropolitana de São Paulo, a partir de los barrios de Rochdale, en Osasco, y Pimentas, en Guarulhos. Esta discusión se basa en la perspectiva de los sujetos residentes. Por tanto, este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los procesos de fragmentación socioespacial en la RMSP y la formación del Paisaje Marginal a partir de la identificación de factores que llevaron a la producción de periferia popular en la RMSP y sus propios contenidos y representaciones. El objetivo es así entender quiénes son los agentes que conforman las periferias populares, cuál es su relación con los procesos metropolitanos y cómo construyen una representación identitaria que le da contenidos y significados al paisaje

¹ Gustavo Luis da Silva, Graduando do Curso de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente, gustavo.luis@unesp.br; Este trabalho parte da dissecação de mestrado em geografia.



circundante. Finalmente, se intenta contrastar las diferentes interpretaciones de la realidad erigidas por el Investigador y el Sujeto-Residente con la realidad como hecho. Por ello, se propone un levantamiento bibliográfico, entrevistas semiestructuradas, producción cartográfica, trabajo de campo y la producción de una colección fotográfica del paisaje que contribuirá a la síntesis y evaluación del trabajo y, al mismo tiempo, funcionará como un registro del paisaje marginal puesto a disposición de los residentes de las dos áreas. En consecuencia, este trabajo se propone aportar los significados y contenidos del arrabal popular y el paisaje marginal; registro de los procesos productivos de las periferias populares; identificación de los sujetos y sus representaciones sobre el paisaje y la realidad vivida; contrastar perspectivas y contribuir con una visualización gráfica de los procesos de fragmentación en el RMSP.

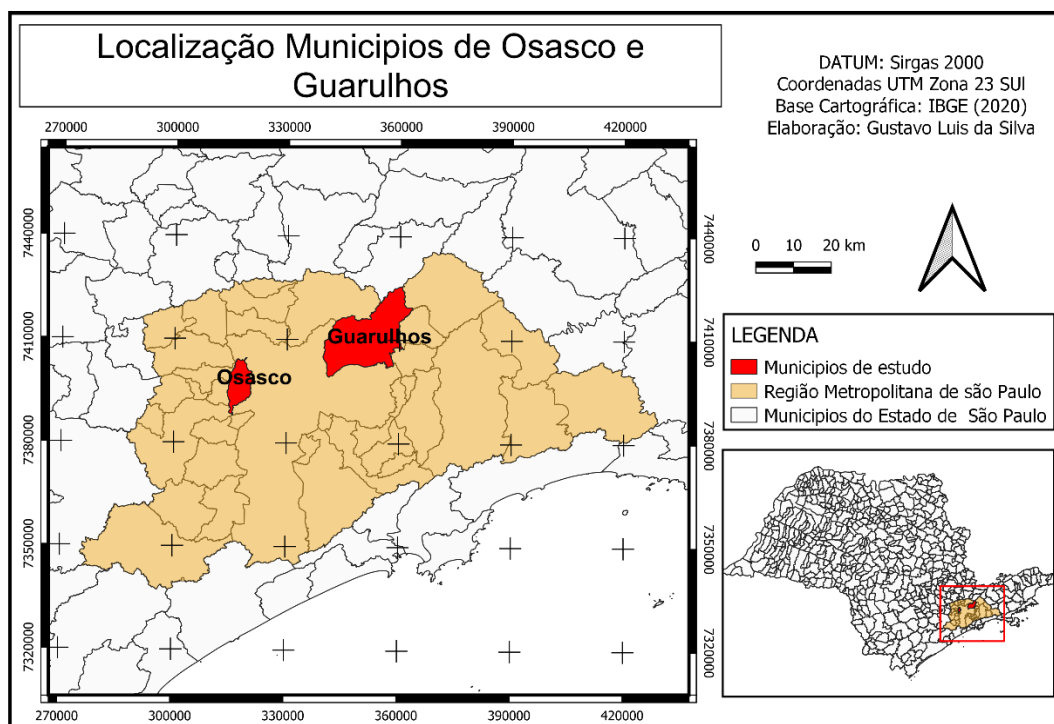
Palabras clave: Producción de espacio urbano; fragmentación socioespacial; periferias urbanas; paisaje urbano

INTRODUÇÃO

O termo “periferia” pode ser compreendido de distintas maneiras e uma breve revisão bibliográfica faz-se necessária para que possamos nos situar neste debate.

Grosso modo, tanto a ocorrência das áreas limítrofes da expansão territorial urbana, quanto sua paisagem, ou paisagens, como pretendemos argumentar adiante, ao longo do século XX, implicaram em determinadas nomeações, associadas a formas espaciais, estruturas urbanas e conteúdos sociais nem sempre concordantes. A partir do recorte geográfico dos bairros do Rochdale em Osasco e o bairro do Pimentas, em Guarulhos

figura 1:



Numa súmula da constituição das periferias, Hiernaux (2004, p. 104), por exemplo, compreende que os espaços periurbanos foram compreendidos como os arrabales, termo que busca descrever determinadas estruturas urbanas localizadas distantes ou fora das cidades e que dependem delas.

Há, neste termo espanhol e utilizado para cidades europeias, mas, sobretudo, nas latinoamericanas, oposição a noção estadunidense de suburb, pois, embora refiram-se a áreas geometricamente periféricas, designam setores daquelas cidades com conteúdo muito diferentes: os tradicionais subúrbios das cidades estadunidenses não foram espaços residenciais dos mais pobres, ao contrário das cidades latino-americanas.

Seja como for, o termo periferia ganha peso a partir dos anos de 1970 e retrata, via de regra, não apenas uma porção da cidade, localizada em suas franjas, mas, também um conteúdo social.

Ao analisar modelos de interpretação da estrutura espacial de cidades ocidentais, especificamente, os modelos de Burgess, e de Hoyt, Whitacker (2017, p. 155-160) identifica nesses um dualismo que opõe à periferia a ideia de centro. Em contraposição a uma leitura dualista do par centro-periferia e com a preocupação de reforçar a distinção entre uma periferia geométrica (que se define pela situação espacial) e outra



social (que se define por conteúdos sociais em combinação, absoluta ou relativa, com uma dada situação espacial), ainda que argumente que ambas possam estar sobrepostas, Whitacker (2017, p. 159), inspirado em Santos (2003) afirma que:

[...] o termo periferia geométrica [serve] para frisar que o modelo de estruturação [baseado nos modelos de Burgess e Hoyt, e amplamente utilizado nos estudos urbanos] ... tanto se assenta num dualismo espacial (centro-periferia), quanto leva a uma associação, já sedimentada em muitas análises urbanas, de identificação de uma área com um dado conteúdo social e econômico. Santos (2003), ao discutir o conceito de primazia urbana e sua identificação com as noções de centro e periferia (e lembrando que nessa obra o autor refere-se à análise regional e da rede urbana, porquanto, fazemos aqui uma generalização a partir de seu escrito), adverte que: “A noção de periferia estava até aqui carregada da noção de distância, que constitui, de longe, o fundamento da maior parte das teorias espaciais e locacionais. A essa noção de periferia, dita “geográfica”, é preciso opor uma outra, a de periferia socioeconômica, se levarmos simultaneamente em consideração os lugares tornados marginais ao processo de desenvolvimento e, sobretudo, os homens rejeitados pelo crescimento. Estes homens formam a periferia social dentro do polo econômico e, se o modelo de crescimento continuar a ser o que é, estão arriscados, por longo tempo ainda, a encontrar aí sua única residência possível” (SANTOS, 2003, p. 82). Com o objetivo de distinguir uma visão geográfica que não seja corográfica, substituímos o termo “periferia dita ‘geográfica’” pelo termo “periferia geométrica”, para marcar suas implicações e limitações (WHITACKER, 2017, P. 159).

Esta cidade complexa, sumariada por Whitacker (2017), é produzida no âmbito do capitalismo. Por isso, cada vez mais, faz-se necessária a discussão sobre a produção da cidade do capital e suas consequências não só sobre o espaço de reprodução, mas também sobre os atores que fazem parte do sistema e que, todavia, estão à margem deste. Para Zibechi (2015, p. 156), “*a cidade do capital é cada vez mais uma ‘não cidade’, determinada a impedir todo tipo de relação social não mercantil*”.

Esta cidade complexa, sumariada por Whitacker (2017), é produzida no âmbito do capitalismo. Por isso, cada vez mais, faz-se necessária a discussão sobre a produção da cidade do capital e suas consequências não só sobre o espaço de reprodução, mas também sobre os atores que fazem parte do sistema e que, todavia, estão à margem deste. Para Zibechi (2015, p. 156), “*a cidade do capital é cada vez mais uma ‘não cidade’, determinada a impedir todo tipo de relação social não mercantil*”.



Portanto, no recorte metropolitano sobre o qual o presente trabalho, há a combinação da possibilidade da insurgência e a concentração da pobreza. Para Grostein (2001, p. 17):

“A significativa concentração da pobreza nas metrópoles brasileiras tem como expressão um espaço dual: de um lado, a cidade formal, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o seu contraponto absoluto, a cidade informal relegada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana que a constitui, exacerbando as diferenças socioambientais. A precariedade e a ilegalidade são seus componentes genéticos e contribuem para a formação de espaços urbanos sem atributos de urbanidade” (GROSTEIN, 2001, p. 17).

Neste estudo, pretende-se abordar a constituição de uma cidade complexa que, em sua produção social e histórica, dialeticamente, estabelece concentração e dispersão e centros e periferias. Marca esta cidade complexa, também, além da riqueza, a desigualdade e a exclusão. Ainda assim, há possibilidades de superação desse quadro que não é dual, mas contraditório.

A formação das periferias populares nas regiões metropolitanas, como por exemplo a Região Metropolitana de São Paulo, dá origem ao que será proposto aqui como a paisagem marginal, um produto fundamentado no contraponto entre as representações erigidas por sujeitos residentes dessas periferias e por sujeitos não residentes.

A própria noção de sujeito será objeto de debate neste estudo, ao cotejarmos os dados a serem trabalhados com referências que, em princípio, serão Berdoulay, Entrikin (2012), Lahire, (2015) e Dubar (2008), numa tentativa de ir além da discussão mais corrente nas pesquisas iniciais na Geografia Urbana que se assentam na classificação dos agentes produtores do espaço urbano, como definidos em Corrêa (1989), que, a despeito de sua valia, não atenderia aos objetivos de nossa investigação.

O estudo da gênese das periferias sociais, e que adjetivaríamos também como populares, nas grandes áreas metropolitanas e o entendimento de quem são os sujeitos que as compõem, bem como, de suas representações para com seus espaços, podem vir a contribuir para a compreensão de processos e movimentos que vão além de uma análise estrita da expansão territorial urbana, englobando, assim, uma crítica à produção da cidade desigual e, ao mesmo tempo, uma voz a sua superação, ainda que no plano do devir, como coloca Lefebvre (1983).

Algumas correntes e autores que possuem projeção na Geografia nos permitirão discutir os fenômenos sociais que se materializam no cenário urbano e lhes dão conteúdos e significados, entendendo que todos os sujeitos são produtores de cultura, ensejando a



discussão da importância das “populações marginais” nas regiões metropolitanas. Assim, para Corrêa (2003, p.174) “a cultura é o modo pela qual as relações sociais de um grupo são estruturadas e modeladas, mas é também o modo pelo qual aquelas formas são experienciadas, entendidas e interpretadas.”

A partir dessa visão, ao analisarmos os sujeitos residentes das chamadas “periferias populares” ou áreas “marginais” que, segundo Quijano (1978), foram assim designadas a partir da “teoria da situação marginal”, é possível refletir sobre uma representação pelos sujeitos que lá vivem, que pode ser traduzida no que está posto em nosso trabalho como “paisagem marginal”.

Tal paisagem é uma representação socialmente construída desde uma condição urbana própria que pode revelar um significado que se contraponha ao estereótipo que sujeitos não residentes fazem destas áreas.

Essa “paisagem marginal”, assim como a paisagem urbana, pode ser entendida como um canal que relaciona a identidade social e étnica ao processo de reprodução social ou, como apontam Duncan e Duncan (1984, p. 254) apud Corrêa (2003, p. 180), “um importante repositório de símbolos de classe social e herança étnica”.

Com estas preocupações e intenções, elegemos os bairros periféricos de Rochdale, no município de Osasco, e do Pimentas, em Guarulhos, Região Metropolitana de São Paulo, como recorte de análise. Tal compreensão deve nos auxiliares a contribuir com o debate sobre fragmentação socioespacial.

O tema central da pesquisa ao qual esta investigação se vincula considera o entendimento de que:

“a diferenciação socioespacial em cidades brasileiras vem se aprofundando e aponta para a constituição da fragmentação socioespacial. A origem dele está vinculada à predominância de lógicas e subjetivações neoliberais que se antepõem à ideia de direito à cidade” (SPOSITO et al., 2018, p. 1).

Consideramos, neste trabalho, como hipótese, que a Cidade vem sendo produzida a partir de uma lógica socioespacial fragmentária. Esta lógica poderia ser apreendida desde as formas urbanas, suas representações (Cf. HALL, 1997; SOJA, 2010) e práticas espaciais dos cidadãos (Cf. GÓES & SPOSITO, 2016).



APORTE TEÓRICO

A formação das periferias populares nas regiões metropolitanas, como por exemplo a Região Metropolitana de São Paulo, dá origem ao que será proposto aqui como a paisagem marginal, um produto fundamentado no contraponto entre as representações erigidas por sujeitos residentes destas periferias e por sujeitos não residentes.

O estudo da gênese das periferias sociais, e que adjetivaríamos também como populares, nas grandes áreas metropolitanas e o entendimento de quem são os sujeitos que as compõem, bem como, de suas representações para com seus espaços, podem vir a contribuir para a compreensão de processos e movimentos que vão além de uma análise estrita da expansão territorial urbana, englobando, assim, uma crítica à produção da cidade desigual e, ao mesmo tempo, uma voz para sua superação, ainda que no plano do dever, como coloca Lefebvre (1983).

Algumas correntes e autores que possuem projeção na Geografia nos permitirão discutir os fenômenos sociais que se materializam no cenário urbano e lhes dão conteúdos e significados, entendendo que todos os sujeitos são produtores de cultura, ensejando a discussão da importância das “populações marginais” nas regiões metropolitanas.

Assim, para Corrêa (2003, p.174) “a cultura é o modo pela qual as relações sociais de um grupo são estruturadas e modeladas, mas é também o modo pelo qual aquelas formas são experienciadas, entendidas e interpretadas.”

A partir dessa visão, ao analisarmos os sujeitos residentes das chamadas “periferias populares” ou áreas “marginais” que, segundo Quijano (1978), foram assim designadas a partir da “teoria da situação marginal”, é possível refletir sobre uma representação pelos sujeitos que lá vivem, que pode ser traduzida no que está posto em nossa pesquisa como “paisagem marginal”.

Tal paisagem é uma representação socialmente construída desde uma condição urbana própria que pode revelar um significado que se contraponha ao estereótipo que sujeitos não residentes fazem destas áreas. Essa “paisagem marginal”, assim como a paisagem urbana, pode ser entendida como um canal que relaciona a identidade social e étnica ao processo de reprodução social ou, como apontam Duncan e Duncan (1984, p.



254) *apud* Corrêa (2003, p. 180), “um importante repositório de símbolos de classe social e herança étnica”.

Com estas preocupações e intenções, elegemos os bairros periféricos de Rochdale, no município de Osasco, e do Pimentas, em Guarulhos, Região Metropolitana de São Paulo, como recorte de pesquisa.

Tal compreensão deve auxiliar a contribuir com o debate sobre fragmentação socioespacial na Metrópole de São Paulo, considerando o entendimento de que a diferenciação socioespacial em cidades brasileiras vem se aprofundando e aponta para a constituição da fragmentação socioespacial. A origem dela “está vinculada à predominância de lógicas e subjetivações neoliberais que se antepõem à ideia de direito à cidade” (SPOSITO et al., 2018, p. 1). Consideramos, nesta pesquisa, como hipótese, que a Cidade vem sendo produzida a partir de uma lógica socioespacial fragmentária. Esta lógica poderia ser apreendida desde as formas urbanas, suas representações (Cf. HALL, 1997; SOJA, 2010) e práticas espaciais dos cidadãos (Cf. GÓES & SPOSITO, 2016).

METODOLOGIA

Produzir e, se possível, disponibilizar às comunidades um acervo fotográfico da paisagem do bairro que contribuirá à síntese e à avaliação do trabalho e, ao mesmo tempo, funcionará como um registro da paisagem marginal disponibilizada aos moradores das duas áreas.

Para o desenvolvimento do presente estudo, adota-se preliminarmente a metodologia de observação participante que, para Correia (2009, p. 19), “É uma técnica de eleição para o investigador que visa compreender as pessoas e as suas atividades no contexto da ação”, que permite uma análise indutiva e compreensiva. Para se alcançar os objetivos propostos no presente projeto, é necessário a aplicação ou realização de um conjunto de procedimentos e técnicas, fundamentados desde a observação participante.

Como primeiro procedimento para compreender os fatores que levaram a produção das periferias populares na Região Metropolitana de São Paulo e as dinâmicas que compreendem este projeto, propõe-se a realização de um panorama a partir da produção de uma cartografia social a ser realizada por setores censitários do Rochdale, Pimentas, Osasco, Guarulhos e da própria Região Metropolitana de São Paulo.



Busca-se, também, realizar um levantamento bibliográfico e histórico dos movimentos econômicos e demográficos de São Paulo e do Brasil no Século XX, com ênfase na sua segunda metade, dando uma maior atenção às décadas de 1960 e 1970

Ademais, busca-se analisar o histórico e a influência dos movimentos migratórios na produção destes espaços periféricos na segunda metade do século XX.

A partir disso, visa-se identificar os sujeitos que compõem as periferias populares e a paisagem marginal na Região Metropolitana de São Paulo, por meio da realização de entrevistas e levantamento bibliográfico.

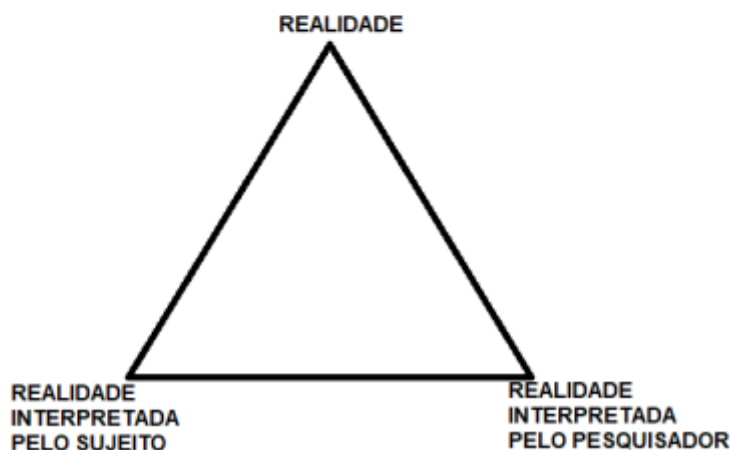
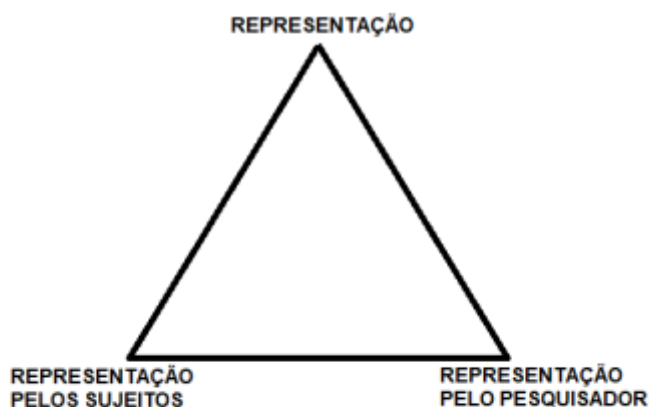
Tais entrevistas, como já posto anteriormente, teriam a finalidade de conhecer esses sujeitos, saber quem são, qual sua origem, como representam a paisagem na qual estão inseridos e, qual a sua interpretação sobre a paisagem que os circunda, além de suas perspectivas e visões sobre sua condição espacial e sobre a percepção da diferenciação socioespacial e da desigualdade social.

A realização de entrevistas possibilita não só reconhecer a realidade vista e vivida pelos sujeitos, mas também identificar componentes na paisagem relevantes para essas pessoas e as transformações sentidas pelos moradores do bairro. Tais transformações podem estar visivelmente registradas em um mapa social, componente de uma cartografia crítica (CRAMPTON & KRYGIER, 2006; WOOD & KRYEGER, 2009; CIDELL, 2009), que comporá os resultados de nossos contatos com os sujeitos, contribuindo para a construção da noção de paisagem marginal com os próprios moradores.

Posteriormente, objetiva-se realizar estudo e debate aprofundado sobre a constituição da paisagem marginal em Osasco e Guarulhos a partir da produção das periferias populares da RMSP e contrapor as representações da realidade erigidas pelo pesquisador, pelos sujeitos e a realidade em si. Isso estabelece uma dimensão de Método, ou mesmo, epistemológica, ainda a ser aprofundada na pesquisa.

Para tanto, cabe realizar levantamento bibliográfico pautado nos processos de fragmentação, formação da paisagem urbana e da paisagem marginal, seguido de uma contraposição entre as representações sobre as realidades a partir de uma tríade dupla, conforme a Figura 1, a fim de explorar ainda mais essa discussão.

Figura 2. Tríades das representações e das realidades



Fonte: o autor (2020)

Tal discussão sobre essa tríade será construída a partir de trabalhos de campo que deverão ser realizados nas áreas de estudo, a fim de constituir e solidificar a representação da realidade do pesquisador, realizando percursos pelas áreas, contrapondo as percepções das representações. Isso dará origem também a produção de um acervo fotográfico social dos espaços, em complemento aos mapas sociais, feito pelo pesquisador e pelos sujeitos entrevistados.

A produção desse acervo tem como intuito a preservação da memória do bairro, fundamentada nos relatos dos entrevistados e moradores do próprio lugar, tendo em vista a escassez de registro fotográfico representando as periferias populares, como no caso do Rochdale em Osasco e do Pimentas em Guarulhos.

Esse acervo fotográfico, juntamente às entrevistas e à cartografia social compõem a discussão sobre a interpretação das diferentes realidades, proposta pela Tríade (Figura



1) e convida o leitor/observador a ter sua própria interpretação da realidade da paisagem apresentada sob diferentes óticas, sendo, portanto, compreendido como sujeito da pesquisa.

Por fim, a partir da análise bibliográfica a ser realizada nos métodos anteriores e da análise do próprio trabalho, busca-se identificar os processos que levaram os sujeitos a erigirem tais representações e significados que dão conteúdo a essa paisagem.

Da condição espacial (CARLOS, 2011) conforma-se uma avaliação do espaço concebido, do espaço vivido e das representações do espaço (LEFEBVRE, 2006) desde a periferia da metrópole (CATALÃO, 2010).

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS E RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que este trabalho possa contribuir para uma maior compreensão sobre o histórico e os processos que levaram a produção das periferias populares na Região Metropolitana de São Paulo, incluindo dentro desses processos os movimentos migratórios ocorridos no Brasil e na América Latina no século XX. Além de identificar as representações estabelecidas pelos sujeitos, que podem se tornar uma condição urbana própria, que neste caso, pode ser denominada “paisagem marginal”.

E, é previsto o reconhecimento de um perfil identitário para as populações dessas áreas, podendo estabelecer um padrão de povoamento predominante no Bairro do Rochdale e na Região Metropolitana de São Paulo. Podendo ser identificados processos de substituição de uma lógica centro-periférica para uma lógica fragmentária, além da definição de quais são as populações mais vulneráveis, onde estão localizadas, de onde vieram e quais são as principais questões dos moradores dessas periferias, proporcionando material para discutir sobre a permanência dessas populações nesses espaços.

Almeja-se apresentar a visão do sujeito residente sobre a representação da sua realidade, contrapondo e relacionando-se com a perspectiva do pesquisador e da realidade como ela é. Alcançando uma produção fotográfica sobre a presente paisagem, preservando assim a memória da realidade de dada condição sobre um tempo determinado.

Planeja-se também, relacionar a paisagem marginal com a identidade dos sujeitos, e sobre os mecanismos que compõem a paisagem como instrumentos de fixação no



espaço. Além de realizar a identificação dos processos que levaram esses sujeitos a se condicionarem a estas áreas e condições

Por fim, espera-se que este estudo sirva de ferramenta para discussões posteriores sobre a temática, além de servir para o planejamento de políticas públicas e sociais nas periferias populares da Região Metropolitana de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo é decorrente de uma pesquisa acadêmica no âmbito do mestrado, buscando contribuir e articular a outros projetos com recortes espaciais e temas correlacionados. Deste modo, aperfeiçoar metodologias, realizar o intercâmbio de ideias, de resultados e abrir caminhos para novas perspectivas analíticas.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A condição espacial. **Editora contexto**, 2011.
- CATALÃO, Igor. Brasília, metropolização e espaço vivido: práticas especiais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole. **Editora Unesp**. 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Ed.). Introdução à geografia cultural. Bertrand Brasil, 2003.
- CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.
- DUBAR, Claude. Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo. In: **Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia**. 2004. p. 56-69.
- GÓES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do calçadão de Presidente Prudente-SP. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n. 19, p. 39-65, 2016.
- GROSTEIN, Marta Dora. Metrópole e expansão urbana: a persistência de processos" insustentáveis". **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 13-19, 2001
- HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos. **Papeles de población**, v. 10, n. 42, p. 101-123, 2004. HIERNAUX, Daniel;
- LINDÓN, Alicia. Repensar la periferia: de la voz a las visiones exo y egocéntricas. **Procesos metropolitanos y grandes ciudades. Dinámicas recientes en México y otros países**, p. 413-443, 2004.
- LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. SPE, p. 1393-1404, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. A propósito da obra. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006).
- QUIJANO, Aníbal. "Notas sobre o Conceito de Marginalidade Social", in Pereira, Luiz (org.). Populações "Marginais". São Paulo, **Dois Cidades**, 1978, p. 43.
- WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. **Centro e centralidade em cidades Médias**. São Paulo: Editora Cultura acadêmica, p. 149-177, 2017
- Zibechi, R. (2015). **Territórios em resistencia: cartografía política de las periferias urbanas latinoamericanas**. 1. Ed.-Rio de Janeiro: Consequência Editora.